

Biodiesel II

Encontrar a matéria-prima

CRIADOS NA Europa para atender às questões ambientais e nos Estados Unidos por questões de segurança energética, no Brasil o enfoque priorizou a parte social. Mas, até agora, o programa nacional não conseguiu atingir as metas sociais estabelecidas para impulsionar a agricultura familiar de pequenas propriedades nas regiões mais pobres do País. A mesma frustração aconteceu com o plantio de novas culturas, como mamona, girassol e dendê.

Na verdade, o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) surgiu para estimular a produção de um combustível mais limpo e biodegradável, derivado de fontes renováveis, como óleos vegetais e gorduras animais, para substituir total ou parcialmente o diesel derivado do petróleo, utilizado em caminhões e ônibus e como combustível para gerar energia e calor.

Selecionada como símbolo do programa, a mamona, produzida na estrutura fundiária de pequenas propriedades, em

particular na Região Nordeste, seria a alternativa redentora para esses agricultores encontrarem uma fonte de renda para melhorar suas precárias condições de vida.

A mamona é utilizada em funções nobres como em combustíveis de aviação, na perfuração de poços de petróleo, e nas indústrias químicas na produção de óleos lubrificantes e para a fabricação de bens cosméticos e farmacêuticos. Com isso, o óleo de mamona normalmente é mais valorizado, quando comparado a outros óleos, chega a valer o triplo. Para piorar, conforme a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o biodiesel feito de óleo de mamona não atende aos critérios físicos e químicos definidos para o biodiesel. Como é muito viscoso, o biodiesel produzido, se for usado diretamente, poderia danificar os motores.

A base tecnológica para o cultivo da mamona ainda está em rudimentar no Brasil. Concentrada na Bahia, a área de produção pouco passa de 100 mil hectares. Falta semente de qualidade e em quantidade para uma maior exploração. Outro ponto fundamental está no controle da qualidade do biodiesel, produzido de forma atomizada em centenas de propriedades. Com uma composição molecular é bem mais complexa que o etanol, qualquer alteração afeta aspectos técnicos ligados à sua viscosidade, fluidez, destilação e ao fulgor, dentre outros.

Atualmente, uma das maiores preocupações com o desenvolvimento do PNPB está na sua crescente dependência da soja, e o desafio do governo é estimular a produção do biodiesel feito de outras oleaginosas. Com prioridade para atender à

segurança alimentar, a soja, que nos últimos tempos teve seus preços elevados, não é a matéria-prima ideal do biocombustível, pois representa quase 85% do produto final.

A concentração do emprego da soja na produção do biodiesel vai em sentido oposto aos objetivos do PNPB. Na produção regional, em vez de induzir uma pulverização, leva à concentração, pois quase três quartos do combustível produzido está concentrado no Sul e no Centro-Oeste. Exploração de larga escala e baixa margem, a sojicultura não é lavoura adequada economicamente às pequenas propriedades.

Por fatores ligados à logística e disponibilidade, essa enorme utilização da soja não surpreende, principalmente no estágio inicial da PNPB. Porém, quando se analisa o lado qualitativo de suas propriedades como matéria-prima para o biodiesel, a avaliação é de reprovação, pois seu teor de óleo é de apenas 18%, em relação às demais, em torno de 40%.

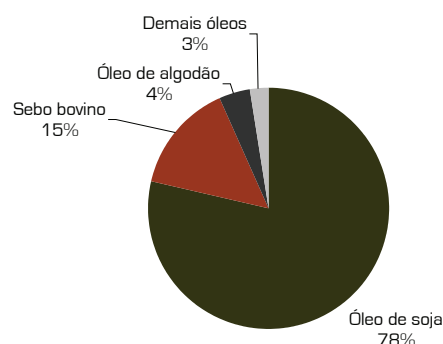
Com todos esses problemas, a capacidade ociosa existente na parte industrial do setor é elevada. Com preço superior ao diesel químico o governo subsidia o PNPB.

Brasil: plantas autorizadas de biodiesel (jan/10)

Operação	63
Comercialização de B100	47
Novas plantas	20
Ampliação	12
Capacidade total (m³)	12.933,30

Fonte: ANP

Brasil: participação das matérias primas no PNPB (nov/09)



Fonte: ANP

Enfim, se a expectativa otimista de uma diversificação mais célere das matérias-primas não aconteceu como previam os seus formuladores, isso de modo algum é razão para colocar em suspeição a continuidade do PNPB. O Proácool também teve seus acidentes e nada correu sempre na perfeição. O Brasil deve olhar para a estratégia de perseguir uma matriz energética cada vez mais limpa, como os biocombustíveis proporcionam. ■